



Mobilidade cotidiana e o corpo gordo: Reflexões a partir das lógicas fragmentárias

Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos
Faculdade de Ciências e Tecnologia –
Universidade Estadual Paulista
(FCT/UNESP) – Campus de Presidente
Prudente/SP

Gustavo Santana da Silva
Faculdade de Ciências e Tecnologia –
Universidade Estadual Paulista
(FCT/UNESP) – Campus de Presidente
Prudente/SP

RESUMO

O processo de fragmentação socioespacial tem desvelado uma série de novos estudos destinados a compreender o espaço urbano e a cidade, sendo estes fundamentais para que possamos dialogar sobre como a (re)produção do espaço urbano tem sido entendida a partir das lógicas fragmentárias. Diante disso, é possível pontuarmos que esta pluralidade de frentes analíticas permite que façamos outras compreensões sobre as cidadinas e cidadãos residentes em cidades (re)produzidas pela fragmentação socioespacial. Compreende-se que, o referido processo, supera as estruturas urbanas e afeta as relações socioespaciais de forma direcionada. Assim sendo, propomos um diálogo no sentido de entender como a fragmentação socioespacial afeta a mobilidade, esta na dimensão cotidiana, da população gorda nas cidades médias, em um ensaio teórico sobre o tema. Indicamos haver uma invisibilização desses corpos gordos no contexto fragmentário, suscitando debates que iluminem a representatividade que eles possuem no contexto urbano, já que também são parte da (re)produção do espaço urbano.

Palavras-chave: Fragmentação socioespacial; Mobilidade cotidiana; Corpo gordo.

Everyday mobility and the fat body: Reflections based on fragmentary logics

ABSTRACT

The processes of socioespacial fragmentation has unveiled a series of new studies that are intended to understand the urban space and the city, those being fundamental so that we can understand how the (re)production of the urban space has been understood from the logics of sociospatial fragmentation. This way, it is possible to pinpoint that this plurality of analytical fronts allow us to produce other forms of understanding about the daily life of those citizens in cities that are (re)produced by the socioespacial fragmentation. Is understood that this process overcomes the urban structures and affects the socioespacial relationships in a targeted way. Therefore we propose to discuss in the sense of understanding how sociospatial fragmentation affects mobility in everyday life of the fat population in medium cities, in this theoretic piece of work we indicate that there are an invisibility of those fat bodies in the fragmentary context, sparkling debates that illuminate the representation that they have in the urban context, since they also partake in the processes of (re)production of the urban space.



Keywords: Sociospacial fragmentation; Everyday mobility; Fat Bodies.

Movilidad cotidiana y cuerpo gordo: reflexiones basadas en lógicas fragmentarias

RESUMEN

El proceso de fragmentación socioespacial ha revelado una serie de nuevos estudios encaminados a comprender el espacio urbano y la ciudad, que son fundamentales para discutir cómo se ha entendido la (re)producción del espacio urbano a partir de lógicas fragmentarias. Ante esto, es posible señalar que esta pluralidad de frentes analíticos permite hacer otras comprensiones sobre los ciudadanos y los ciudadanos en ciudades (re)producidas por la fragmentación socioespacial. Se entiende que este proceso va más allá de las estructuras urbanas y afecta de manera selectiva las relaciones socioespaciales. Por lo tanto, proponemos dialogar para comprender cómo la fragmentación socioespacial afecta la movilidad, en la dimensión cotidiana, de la población gorda en ciudades medianas, en un ensayo teórico sobre el tema. Indicamos que existe una invisibilidad de estos cuerpos gordos en el contexto fragmentario, suscitando debates que iluminan la representación que tienen en el contexto urbano, ya que también son parte de la (re)producción del espacio urbano.

Palabras clave: Fragmentación socioespacial; Movilidad cotidiana; Cuerpo gordo.

INTRODUÇÃO

O debate relacionado à compreensão do espaço urbano e suas pluralidades de interações socioespaciais ganha destaque ao analisarmos essas múltiplas visões adotando critérios e processos que estão imbricados e que (re)produzem àquele constantemente.

Temos observado que a cidade e o urbano não experimentam mais as espacialidades e vivências contemporâneas, com a superação de definições, visões e considerações acerca do que ambas representam e como podem ser observadas trazendo reflexões que entendam também as múltiplas realidades atuais que permeiam a cidade e o urbano.

Ribeiro (2005) adota uma perspectiva interessante ao debater a sociabilidade urbana contemporânea com as intensas mudanças ocorrentes no urbano, que têm sido observadas também nas cidades, sejam pelas lógicas existentes ou até mesmo pela pluralidade de vivências e resistências no urbano e na cidade.

Deste modo, compreender ambas atualmente é um esforço coletivo que supera as designações e conclusões de outrora, para abarcar novas realidades e interações socioespaciais até então excluídas de reflexão, mas que demandam uma que supere o entendimento atual e as coloque no centro do debate.

Pelo exposto, o presente artigo tem como objetivo apresentar possibilidades de aproximações teóricas entre o conceito de mobilidade cotidiana e o corpo gordo dentro do contexto da fragmentação socioespacial presente na cidade contemporânea, sendo identificada na vida cotidiana dos cidadãos.

Propomos abrir uma discussão de como cidadinas e cidadãos têm sua vida cotidiana e, mais especificamente, sua mobilidade cotidiana afetada devido às marcações corporais específicas, neste caso, como o corpo gordo vivencia e experiencia a cidade média fragmentada com as suas múltiplas interfaces que têm excluído esta população de suas transformações constantes.

Além desta breve introdução, estruturamos o artigo em três segmentos: primeiramente uma discussão sobre a fragmentação socioespacial e a vida urbana apoiados teoricamente por



debates amplamente já realizados sobre esta (não tão) nova forma de estruturação do espaço urbano que suscita uma reflexão constante e profunda sobre as dimensões aqui apresentadas.

Em seguida, uma discussão sobre o corpo na Geografia considerando este como elemento analítico para as teorizações do urbano apoiados por uma bibliografia que propõe discutir a relação espacial deste, principalmente aquele que é especificamente afetado pelas lógicas hegemônicas capitalistas, com as transformações do espaço urbano fragmentado.

Finalmente propomos uma aproximação entre a mobilidade cotidiana, as lógicas fragmentárias e o corpo gordo. Para tanto uma breve leitura histórica das simbologias associadas a este na sociedade e a posição que ele assume na contemporaneidade fragmentária se torna necessária para iniciarmos nosso dialogismo. Tratamos de reafirmar a necessidade de reflexão no âmbito da posição do corpo gordo como elemento presente na hegemonia corporal atual, assim como compreender sua posição em lógicas que parcelam e complexificam a cidade e o urbano.

Nossa proposta se ambienta na contextualização teórica e na necessidade de dialogar sobre essas novas formas de entender a cidade e o urbano a partir da população que nela reside e vive, sendo este artigo, por conseguinte, um primeiro passo para um debate com um horizonte mais vasto.

A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E A COMPREENSÃO DA VIDA URBANA: NOVAS FRENTES ANALÍTICAS

As cidades contemporâneas têm suscitado algumas reflexões que demandam uma profundidade que supere a visão preliminar e se baseie em considerações que as compreendam para além das observações iniciais e também considere dimensões que, *a priori*, não estejam sendo dialogadas de forma ampla e ganham um protagonismo emergente.

Temos realizado muitas leituras e pesquisas na tentativa de entender como as diferentes dinâmicas ocorrem nas cidades atuais. Esta perspectiva indicada se torna necessária especificamente quando queremos compreender as cidades médias contemporâneas, quais sejam foco de muitas reflexões sobre seus processos contínuos de (re)produção.

Para dar fomento e embasamento à estas pesquisas, o projeto temático “*Fragmentação socioespacial e urbanização contemporânea: Escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos (FRAGURB)*” (Processo FAPESP nº 2018/07701-8) representa uma oportunidade de dialogarmos sobre essa intensidade de modificações urbanas que atualmente se observa nas cidades médias.

Estas analisadas possuem um protagonismo que não é recente e tem sido destacado há muito em pesquisas como a trazida por Sposito (2007), quando a autora pontua que as cidades médias têm relevância no contexto urbano brasileiro a partir do papel de mediação das relações econômicas entre as demais cidades próximas a elas, tendo um referencial significativo na rede urbana nacional, mesmo que não estejam conectadas por interações radiais.

A partir desta, Catelan (2013) discorre sobre a importância de pensar as cidades médias mediante uma relação heterárquica, pautada não na definição de uma proximidade que estabeleça uma ordem de importância de uma para a outra, mas que possibilite observar todas por um prisma que compreenda as interações socioespaciais que são significativas para a



(re)produção do espaço urbano dessas cidades médias analisadas, buscando estabelecer parâmetros analíticos explicativos.

Deste modo, as discussões derivadas das pesquisas inseridas no referido projeto, suscitam uma profusão de análises urbanas que dão cabo das dinâmicas contemporâneas e as múltiplas contextualizações possíveis para entendermos que cidades médias são essas e suas particularidades no contexto urbano, a partir de muitas dimensões, como a das práticas socioespaciais.

Para além de compreender o dinamismo urbano das cidades médias, o foco das pesquisas presentes no projeto citado é pensar, principalmente, em como as muitas interações socioespaciais afetam as cidadinas e os cidadãos. É importante destacarmos tal assertiva para que fique evidenciado que há sim a relevância de observar a cidade média e suas transformações, mas compreender como as cidadinas e os cidadãos são afetados por elas e como isso se rebate no cotidiano deles é um ponto de debate fundamental para as pesquisas indicadas.

Tal percepção é oriunda do entendimento de que a cidade contemporânea é dispersa e difusa, fazendo com que as relações estejam da mesma forma, existentes em uma lógica fragmentária que subverte composições clássicas, como a questão do par centro-periferia, atribuindo-lhes características e conteúdos e demandando reflexões mais imersivas que compreenda as relações e práticas socioespaciais de cidadinas e cidadãos (Mares, 2019).

Tal indicativo é importante para que possamos observar a cidade e o urbano para além do que está posto e compreender que as dimensões que estão inseridas em toda essa construção teórica-analítica se reproduzem no cotidiano das cidadinas e dos cidadãos. Algo que se observa tanto no urbano, como na cidade.

Quando propomos analisar a cidade e o urbano é por compreender que a primeira é a materialização do que é constituída a partir do urbano, sendo essa sua representação. Pelo exposto, compreender ambas de forma distante apresentaria a perda da capacidade de entendimento da relevância que, tanto uma quanto a outra, possuem na compreensão das espacialidades e interações socioespaciais existentes em cada uma das dimensões analisadas.

Para isso, nossa proposição é compreender a cidade e o urbano de forma única para depois compreendê-las de modo conjunto observando que para a nossas análises aqui apontadas tal metodologia é fundamental para entender o ponto central das reflexões engendradas neste documento, que é o corpo gordo observado no contexto da lógica fragmentária.

Se impõe uma necessidade de compreender os processos diversos existentes no espaço urbano a partir da cotidianidade das atividades realizadas pelas cidadinas e cidadãos. A partir do seu ir e vir e das ações diárias (trabalho, lazer ou consumo) que são capazes de moldar e provocar alterações que são refletidas na cidade produzida e que demonstra uma interatividade com o exposto e sua constância no urbano (Lindon, 2006).

Logo, o cotidiano delas e deles é representativo na compreensão de que cidade média está sendo (re)produzida para a população, o que nas análises realizadas e leituras estabelecidas, é possível observar que há dissonâncias capazes de dimensionar um espaço urbano com múltiplas visões críticas.

A partir dessas considerações, é possível que façamos apontamentos que guiem nossas reflexões para processos que estão vigentes e imbricados nessas relações indicadas, conforme



Sposito et al (2023, p. 5) traz quando argumenta sobre como o processo de fragmentação socioespacial tem sido observado no contexto atual:

A partir desta perspectiva, o paradigma fragmentário tem ajudado a compreender as transformações em curso, sobretudo no que se refere às lógicas, dinâmicas e práticas espaciais resultantes do aprofundamento das desigualdades socioespaciais. Isto porque a ampliação das distâncias, os novos habitats urbanos e os novos modos de consumir têm reforçado a lógica socioespacial fragmentária.

O processo de fragmentação socioespacial, além da possibilidade de compreender as dinâmicas urbanas, oportuniza refletirmos sobre as lógicas e práticas socioespaciais realizadas pelas cidadinas e pelos cidadãos no contexto do espaço urbano, já que há o entendimento de que ambas se coadunam a partir das múltiplas dimensionalidades existentes nas lógicas e práticas indicadas, denotando um componente conteudista significativo para a (re)produção do espaço urbano.

Legroux (2021, p. 241) constrói uma reflexão sobre a fragmentação socioespacial e as relações cidadinas, na qual aponta que:

Em outras palavras, a fragmentação socioespacial, nesta mediação, precisaria ser compreendida de cima – o “sistema capitalista” e a “urbanização planetária” – (de onde vem, para simplificar) e de baixo, isto é, a partir da análise empírica das práticas espaciais (como se manifesta, como é capturada). É nesta tensão, nesta mediação entre universal/particular, nesta dicotomia entre o “sistema” e as “práticas espaciais” dos indivíduos, grupos sociais e agentes, que a fragmentação socioespacial pode ser entendida na sua complexidade.

Compreender as relações socioespaciais de todas e todos mediante o processo de fragmentação socioespacial é pensar também nas dimensões de forma reescalar e heterárquicas, conforme Fernandes e Catelan (2023) defendem para observar as relações estabelecidas entre as cidades médias. Este entendimento de “ida e volta” (e vice-versa) possibilita entendermos não apenas a dinamicidade urbana, mas também compreender as interações socioespaciais responsáveis por esta, o que suscita observarmos e colocarmos ao centro do debate a cidadina e o cidadão.

Mesmo que seja óbvio, concentrar as reflexões nas cidadinas e nos cidadãos ganha uma outra dimensão quando tentamos observar outras parcelas da população que reside nas cidades médias e que ganham protagonismo nas pesquisas urbanas quando são inseridas no foco do debate.

Esta assertiva anteriormente indicada busca apontar que a vida urbana nas cidades médias a partir das reflexões iniciais passam pelo processo de fragmentação socioespacial e se torna necessário inserir outras dimensões sociais para que possamos dialogar com as atuais construções sobre o espaço urbano nelas, na qual a sociedade heterogênea composta por pessoas gordas, pessoas LGBTQI+, pessoas negras e etc., também ganham um protagonismo quando estão inseridas e inseridos nas teorizações.

Logo nosso apontamento busca destacar que tais universos indicados também estão inseridos no cotidiano da cidade média fragmentada e participam das interações urbanas onde



necessitam estar inseridas no debate urbano contemporâneo. Tal perspectiva possibilita que façamos reflexões para além da observação comum e compreendamos as cidadinas e os cidadãos nas suas especificidades que são inscritas no espaço urbano (re)produzido.

Um exemplo que podemos utilizar seria a mobilidade cotidiana e sua expressividade relacionada aos acessos possíveis pela população cidadina. A partir dela, podemos compreender como esta população se desloca e tem sua mobilidade afetada por políticas públicas para o âmbito urbano que pautam o ir e vir da população em detrimento de uma reinterpretação do espaço urbano e suas possibilidades, algo que é possível indicarmos quando observamos que boa parte da população cidadina se desloca para trabalhar, por exemplo.

Em trabalho anterior (Santos, 2023) destacamos que essa mobilidade vem sendo afetada pela multiplicidade de alterações ocasionadas pelas lógicas fragmentárias que têm subvertido o entendimento do direito de ir e vir da população cidadina, tendo esta perdido este “direito” perante a questão fragmentária, suscitando observar para além da dimensão cotidiana e em universos que permitam reflexionar de forma mais abrangente.

Assim sendo, por que não observar como a população gorda se desloca em sua mobilidade cotidiana e como isto afeta seu corpo e seu cotidiano? Tal questionamento é oriundo de uma preocupação que demanda a necessidade de inserir esta e ou parcelas da sociedade no debate fragmentário, este posto nas reflexões sobre a urbanização contemporânea.

Stoian (2019, p. 109) faz um apontamento interessante sobre o por nós aqui pensado:

Portanto, diante de uma cidade cada vez mais fragmentada, em que as práticas espaciais se dão orientadas pelo medo e pela fuga daquilo que é diferente, torna-se necessário a ampliação de espaços que possam produzir novos afetos, a partir da integração de diferentes sujeitos sociais e o contato com maior amplitude de diferentes materialidades formadoras do espaço urbano.

É preciso dialogar com as múltiplas e diferentes materialidades existentes no espaço urbano atual fazendo com que sejam trazidas para a reflexão essas novas realidades mesmo as que demandam uma compreensão afetiva ou até as que tragam os novos comportamentos e visibilidades necessárias para a atualidade, ganhando uma centralidade reflexiva.

Santana e Vidal (2023) realizam uma análise sobre a necessidade de compreender que o corpo gordo enquanto componente do espaço que também está inserido na dinâmica urbana fragmentada e suscita uma observação para além do que está posto para a lógica fragmentária, ou seja, a urgência de pensarmos em como a população gorda está inserida neste contexto.

Assim sendo, essas lógicas permeiam dimensões socioespaciais que superam o posto ao debate e demandam que sejam sublinhadas discussões que contemplem outras populações, como as pessoas gordas. Isso significa que o processo de fragmentação socioespacial está presente nas realidades da população cidadina de forma a modificar o seu cotidiano e suas vivências, algo fundamental para cada uma delas e deles.

CORPORIFICANDO A GEOGRAFIA: O CORPO COMO ELEMENTO ANALÍTICO



As análises referentes ao corpo na Geografia têm ganhado destaque de forma recente, com a emergência do debate sobre pensar o corpo para além de sua expressão observativa, pautado nas transformações e ações que o ser humano realiza em âmbito espacial.

Para além disso, o corpo também tem tido foco a partir de diálogos referente ao gênero e a produção do espaço, já que as práticas espaciais que conduzem as múltiplas atividades no espaço são representativas também para o entendimento de que o corpo está contido e presente nessas atividades.

Assim sendo, o corpo tem sido objeto analítico na Geografia por demonstrar, para além da percepção inicial, que pode ser estabelecida na compreensão das atividades socioespaciais um protagonismo pautado na necessidade de dialogar sobre ele. E este diálogo possui muitas ramificações que são necessárias para que possamos pensar e falar sobre o corpo.

Partimos de um princípio fundamental trazido por Turra Neto (2019, p.3) relacionado ao corpo que é importante para nossas reflexões iniciais:

Argumento que o corpo é espacial, mas não é espaço (assim como o corpo é temporal, mas não é tempo). **O corpo está no espaço, não é espaço** (distinção que não é possível de ser feita em todas as línguas, mas que em português nos é permitido), e como tal, participa da sua construção, dentro do campo de possibilidades de ação dadas pelo próprio espaço, como meio e condição (grifo nosso).

O corpo, aqui trazido pelo autor e por nós corroborado, não pode ser pensado como um espaço, mas sim, elemento espacial existente no espaço, o que evidencia que o corpo (re)produz espaço e não é espaço em si. Este ponto é importante para nossas reflexões por conta da necessidade de indicarmos que o corpo está inserido em dinâmicas espaciais e socioespaciais e não pode ser observado como espaço em si principalmente porque possui suas especificidades.

Para fundamentar melhor nossos argumentos, nos apoiamos nas indicações feitas por Ramos e Milani (2022, p.2) que destacam:

O espaço na sua constituição material, lógica e simbólica, ou ainda, como instância econômica, política e cultural são construções sociais mediadas pelos sujeitos. E é como corpo que os sujeitos são tangíveis, concretos e contraditórios. Disso resulta, um espaço corporificado, denso de distinções sociais, classificações, afetos, memórias e outras tantas dimensões que são parte da permanente construção social e espacial do mundo. Portanto, é na corporeidade que os sujeitos são e estão no mundo. Como corpo se distinguem e se identificam, bem como, são parte do espaço e do tempo.

Pensar em um espaço corporificado nos induz a observar que sim é possível o espaço estar flexionado nas interações corporais, mas não é coerente pensar que o corpo é espaço sendo que este é uma multiplicidade de interações e dinâmicas que superam as perspectivas iniciais sobre o corpo, mas não anula estar permeado no espaço.

Dito isso apontamos que o corpo ganha relevância nos escritos geográficos principalmente em estudos recentes com a presença da Geografia Feminista e a necessidade de dialogar sobre a preservação do corpo da mulher em ambientes e diálogos com presença masculina (Pequeno, 2023). Evidentemente as reflexões sobre o corpo já ocorrem há um bom



tempo, mas a necessidade de compreender que corpos são esses que são violentados pela sociedade machista denota uma centralidade do debate corporal na Geografia.

Ao realizarem uma revisão bibliográfica da obra do filósofo francês Henri Lefebvre, Silva, Ornat e Chimim Junior (2019) destacaram como o autor trazia o diálogo referente ao corpo de forma a evidenciar como o capitalismo rompia com as necessidades corporais, principalmente a feminina, em detrimento de uma sociedade cada vez mais estamental em visões perfeitas que desconsideram as múltiplas corporeidades existentes e destacam apenas as que representam um ideário capitalista, vendável e rentável.

O próprio autor já indicava o seguinte: “O corpo representado pelas imagens da publicidade (as pernas pelas meias, os seios pelos sutiãs, o rosto pela maquiagem, etc.), serve para fragmentar o desejo e condená-lo à frustração ansiosa e à insatisfação das necessidades locais” (Lefebvre, 1991, p. 309 - 310). Há uma visão de que o corpo feminino precisa estar presente em uma publicidade que molde o corpo ao gosto do capital, sendo elemento que traga o “corpo perfeito para a sociedade capitalista”, que irá inserir o corpo em um espaço do capital que observe este pelo que ele aparenta, não pelo que é.

Isto deturpa e suscita que o corpo, e aqui falamos do feminino, esteja existente em contextos para além do que ele é, ou seja, corpos que estão fora de um padrão estarão destoantes do que deve ser, algo que fragmenta outros corpos que serão periferizados¹ do contexto espacial, reforçando um espaço corporificado específico.

E o corpo feminino estando centrado em uma ideologia que prioriza o perfeito para a sociedade do capital, acaba por subverter o direito da mulher e seu corpo em reconhecer este como teu espaço o que a vulnerabiliza à violências sexuais, morais, corporais e etc. fazendo com que elas sejam vilipendiadas constantemente e não se reconheçam, sendo objetificadas e diminuídas constantemente (Campos e Silva, 2020).

Tal assertiva amplia a necessidade de debater a emergência de uma geografia corporificada para que possamos observar o além do que está posto, principalmente, quando dialogamos no sentido de que o corpo, feminino ou masculino, carrega elementos para entender o espaço e neste está contido, não demonstrando estar desligados das interações socioespaciais.

É preciso reconhecer que tais medidas são evidenciadas a partir de observações que desvelam as intencionalidades pensadas para a sociedade capitalista. Há sim uma construção que busca ambientar o indivíduo em situações pensadas de forma condicionada, a partir de uma biopolítica que guie as atividades cotidianas de forma amplificada, que entenda o espaço como elemento homogêneo e fundamentado em perspectivas e reflexões que irão pautar o que deve ser colocado em evidência (Faoucault, 1988).

Furtado e Camilo (2016, p. 35) ao dialogarem sobre as anotações do filósofo francês Michel Foucault sobre o biopoder e sua capacidade de transformação na sociedade constataram o seguinte:

¹ O uso do termo periferizado busca indicar uma análise que permita compreender a perspectiva de um corpo que é marginal(izado) as observações e reflexões contemporâneas e pós-modernas, com o objetivo de subverter o entendimento das múltiplas corporeidades existentes, estabelecendo um padrão corporal.



Para ele, o poder encontra-se sempre associado a alguma forma de saber. Exercer o poder torna-se possível mediante conhecimentos que lhe servem de instrumento e justificação. Em nome da verdade legitimam-se e viabilizam-se práticas autoritárias de segregação, monitoramento, **gestão dos corpos** e do desejo. Inversamente, é no centro de aparatos sofisticados de poder que sujeitos podem ser observados, esquadrihados, de maneira que deles sejam extraídos saberes produtores de subjetividade (grifo nosso).

Para o autor francês o biopoder é responsável pela organização do corpo e da sua inserção no contexto societário. Há uma essência encoberta por medidas baseadas neste biopoder que condiciona comportamentos, ações, visões e até mesmo opiniões que precisam estar encaixadas no que é apresentado como o “ideal”, sendo que este é vigiado e controlado para estar e ser (re)produzido.

Isto evidencia que o corpo deve estar existente no espaço a partir de visões que se apresentam como reais e necessárias a partir de uma intensa afirmação do “perfeito”, algo que é condicionado para ser realizado e idealizado e sua deturpação complexifica o que é necessário para essas visões do biopoder.

Desse modo, o corpo ganha destaque por estar inserido em idealizações que superam a percepção inicial e conseguem dialogar para além de si, trazendo conteúdo ao espaço e servindo de instrumento de luta as decisões impositivas em nível social, conforme dialogamos anteriormente.

Sendo um objeto de combate, o corpo pode ser representativo para sua inserção na cidade, já que transita por ela e pelo urbano fazendo com que seja possível refletir-se sobre qual sua posição e contribuição para o espaço urbano, já que pelo corpo nos deslocamos e nos movemos pela cidade e pelo urbano (Hissa e Nogueira, 2013). Ambos, enquanto produto das relações espaço-temporais, estão permeados por essas biopolíticas que compõem as forças hegemônicas de poder.

O espaço urbano não pode ser compreendido somente pensando em suas estruturas físicas, mas em um conjunto de todas as relações socioespaciais que se realizam nele. Suas estruturas, instituições e objetos compõem o corpo da cidade contemporânea, espaço de uma dialética constante entre as forças hegemônicas de poder e aqueles que sofrem com elas.

O sujeito para quem a cidade é produzida, aquele do qual o ideal patriarcal capitalista é criado (Homem, branco, cisgênero, heterossexual e magro) entende sua própria produção espacial como “descorporificada” sendo assim neutra, não transcrita e anormal. Corpos que sentem o peso da própria corporalidade são aqueles transcritos por significados sociais específicos, conforme Longhurst (1997) disserta ao comentar sobre o corpo na Geografia:

Na cultura ocidental, enquanto homens brancos tem presumido que eles podem transcender sua corporalidade (ou pelo menos ter suas necessidades corporais atendidas por outros) por se verem como mais do que um recipiente para a consciência contida em si, isto não foi permitido às mulheres, pessoas negras, homossexuais, pessoas com



deficiências, idosos, crianças e assim por diante² (Longhurst, 1997, p. 491, tradução nossa).

Os marginalizados que fogem do idealizado pelas biopolíticas da sociedade patriarcal capitalista vivem suas corporeidades espacializadas em constante conflito com o espaço urbano. Hissa e Nogueira (2013, p. 59) demonstram que estes corpos espacializados ao viverem na cidade produzem resistências à produção capitalista da mesma, eles “[...] produzem novos sentidos, novas simbologias, novos territórios”.

Assim, corroboramos com Grozs (1995) que o corpo e a cidade são análogos; a cidade que se conhece hoje foi construída em sua relação contraditória com os corpos marginalizados e estes corpos cheios de significados e simbologias são reconhecidos hoje pela sua relação socioespacial com a produção da cidade. O corpo é cerceado pelo urbano capitalista que visa acabar com as suas subjetividades em favor de um espaço urbano homogêneo: “Uma mesma estética, uma mesma experiência, uma mesma produção subjetiva que, contraditoriamente, é impessoal” (Hissa e Nogueira, 2013, p. 65).

Desta forma, o corpo enquanto um elemento analítico se torna elemento central nas discussões que envolvem o campo das espacialidades e vivências no urbano contemporâneo. É importante denotar que o campo das Geografias Corporificadas tem focado, principalmente, nas discussões relacionadas a gênero, sexualidades e raça, bem expostos nos trabalhos de Silva (2007; 2008; 2009) e Marques (2021). Porém, o corpo gordo é uma escala de análise não explorada na Geografia, dentro do campo das ciências humanas pode-se citar os trabalhos da filósofa Maria Luísa Jimenez Jimenez (2020; 2023), todavia ainda é um assunto que começou a ser explorado recentemente nas ciências humanas como um todo e conta com poucos trabalhos de expressão.

A partir disso, o corpo se move pelo urbano agregando conteúdo a este e tornando-se algo comum que se reconhece naquela espacialidade. Com isso é fundamental pensarmos que, sendo ambos próximos, o corpo está condicionado ao que a cidade e o urbano impõem a partir dos agentes produtores dela, algo que nos incita a pensar que eles estão conectados pelas idealizações estabelecidas por esses agentes.

Assim sendo, o corpo se move no seu dia a dia a partir das lógicas (re)produzidas no urbano e na cidade, fazendo com que se ambiente nas potencialidades exercidas por esse deslocamento, além de suscitar muitas questões: Este movimento é democrático? Todos os corpos estão inseridos? Como os processos intra e interurbanos contemplam esse mover-se? Há espaço para todos os corpos na cidade contemporânea?

A MOBILIDADE COTIDIANA GORDA: UMA POSSIBILIDADE AO DEBATE FRAGMENTÁRIO?

² In western culture, while white men may have presumed that they could transcend their embodiment (or at least have their bodily needs met by others) by seeing it as little more than a container for the pure consciousness it held inside, this was not allowed for women, blacks, homosexuals, people with disabilities, the elderly, children and so on.



Compreender a cidade e o urbano contemporâneo requer observarmos uma série de outras questões que abarcam a atualidade da vivência cotidiana das cidadinas e dos cidadãos. É importante pensarmos na relevância que o contexto atual representa para ambos e como isso os impacta em muitas dimensões, sendo estas fundamentais para entender de qual vivência falamos e experienciamos para elas e eles (Santos, 2009).

Após nossos apontamentos anteriores não considerar os efeitos da mobilidade cotidiana relacionada aos deslocamentos diários da população cidadina seria excluir do debate um tema que surge de forma emergencial e destacada nas reflexões contemporâneas. O que difere em nossa análise inicial está relacionado ao fato de que é preciso pensarmos para além da dimensão do deslocar-se. É preciso pensar a escala do corpo.

Para isso, é fundamental que façamos uma reflexão sobre o corpo especialmente a questão do corpo gordo como elemento fundamental de análise, onde é possível indicarmos de forma preliminar que este demanda de muito mais mecanismos para poder se deslocar.

Mas antes, é preciso especificar sobre que tipo de mobilidade é essa que estamos tratando e como ela deve ser pensada para o contexto aqui trabalhado. Há uma pluralidade de tipologias existentes que abordam qual é a mobilidade utilizada por nós, tendo cada definição sua potencialidade e característica elementar que suscita uma reflexão particularizada.

Podemos definir a mobilidade em seis categorias: a mobilidade não cotidiana é referente àquela realizada de forma mais longa e com pouca frequência, relacionada sempre ao trabalho ou lazer; a mobilidade urbana é o deslocamento intra e interurbano, impulsionado pelo veículo particular dependente das vias públicas e realizado regularmente; as migrações temporais são as relacionadas a momentos específicos e em trajetos curtos, diferindo da migração permanente que é definitiva; a mobilidade residencial intra-urbana é a que causa uma mudança de localização no mesmo espaço urbano, ligada a questão de uma nova residência e a mobilidade cotidiana é a realizada no dia a dia para várias finalidades, lazer, consumo, trabalho, saúde e etc. (Arbucias, 2003)

Legroux (2021, p.3) ao estudar sobre a mobilidade propôs que:

Trataremos, aqui, da mobilidade cotidiana que se refere, primeiramente, aos deslocamentos diários de pessoas entre seus domicílios e outras esferas da vida cotidiana (trabalho, lazer, saúde, consumo, relações sociais e familiares, educação, oportunidades etc.). Compreendida assim, como um deslocamento físico, a mobilidade cotidiana é sinônimo de mobilidade física, de mobilidade espacial, de mobilidade urbana, ou ainda, de deslocamentos pendulares (geralmente entendidos como os deslocamentos casa-trabalho).

Concordamos com o autor com relação a mobilidade cotidiana e sua permeabilidade no que se refere aos deslocamentos da população cidadina, sendo esta fundamental para sua materialidade. Esta é a que mais contempla os objetivos deste manuscrito haja vista que queremos articular tal proposta conceitual com a questão da acessibilidade da população, já que melhor ilustra o dia a dia e é reflexiva no contexto dos sujeitos.

E, relacioná-la com as lógicas fragmentárias, se configura em um desafio ainda mais complexo vide a necessidade de apontar que a mobilidade cotidiana é fragmentada,



principalmente quando se analisa as espacialidades das cidadinas e cidadãos. Santos (2023), ao apresentar os percursos urbanos como procedimento metodológico para tal trabalho, destaca como esta por nós aqui apontada possui muitas frentes analíticas e reflexões que propõem pensar em uma mobilidade cotidiana que esteja limitada, condicionada e injusta.

Sendo assim, é inegável que a mobilidade cotidiana da população gorda, inserida nas reflexões anteriormente construídas, também está indicada para reflexão e debate tornando-se essencial para as nossas considerações atuais e representativa de nossos apontamentos.

O corpo gordo conteve uma miríade de significados e simbologias ao decorrer da história. Na antiguidade foi associado a grandes riquezas, fartura e o pertencimento a realeza: “A saúde supõe barriga cheia” aponta Vigarello (2012, p. 21) na qual destaca que, em um período onde grande parte da população passava fome, o corpo gordo era admirado na sociedade indicando um viés voltado à saúde a partir de sua robustez.

Com o avanço da humanidade, a modernização tecnológica proporcionou uma maior produção de alimentos com taxas de hiperprodução sendo superadas ano após ano, reestruturando as bases governamentais que atrelava o corpo gordo à saúde, deixando o prestígio deste de lado e agora associado a uma estrutura de poder ultrapassada, alterando seu significado, como denota Vigarello (2012, p. 44): “Várias culturas aguçam seus anátemas: a do clero de início, com pregações para o autocontrole e contenção, logo também a dos médicos, que difundem os perigos da gordura, e por fim a dos cortes medievais, que cultivam o refinamento”.

Os estigmas negativos associados ao corpo gordo não eram ligados a gênero, porém, estes foram evoluindo e se conectando com outras formas de opressão que se traduzem hoje de maneiras interseccionais aos corpos marginalizados em quais se criam maneiras específicas de como a gordofobia agiria sobre cada um destes, como o exemplificado por Wolf (2020, p. 57-58): “Em 1978, nos Estados Unidos, um sexto dos candidatos ao mestrado em administração e um quarto dos contadores formandos eram mulheres. A National Airlines demitiu a comissária Ingrid Fee por ser “gorda demais” - 2 quilos acima do limite”.

No excerto anterior o autor demonstra como a gordofobia é usada como justificativa à exclusão de mulheres no mercado de trabalho dos Estados Unidos da América (EUA) e a símbolos negativos associados ao corpo gordo como: incapaz, preguiçoso e guloso, que não somente criam uma conotação negativa a ser reproduzida pela sociedade como justifica a exclusão destes corpos, deixado claro por Sant’Anna (2016, p.40):

Para empresários e cientistas, os gordos começaram a sugerir uma falha orgânica que os incapacitava para o trabalho. Sob a inspiração das leis da Termodinâmica, a adiposidade abundante foi pensada como resultado do excesso de “matéria inútil”, acumulada dentro do organismo.

Exemplificamos aqui como o corpo gordo não é visto como força de trabalho, e assim, excluídos dos processos de reprodução da lógica capitalista de produção, sendo invisibilizados da máquina de (re)produção do espaço urbano, tendo seu espaço de vida cerceado cotidianamente pelas biopolíticas contidas no processo indicado.



Se utilizarmos o parâmetro de mobilidade como elemento analítico é possível pontuarmos quanto ao transporte coletivo de passageiros, em que a população gorda é considerada como “portadora” de uma mobilidade reduzida e, apesar de discordarmos da conotação de que o ser gordo traga alguma comorbidade inerente em si, pessoas gordas têm direito a uso do assento prioritário.

Desta forma, é importante trazer à tona que o “o direito à mobilidade é direito à acessibilidade” (Gutierrez, 2016, p. 48). No município de São Paulo 41,7% da população entre 20 e 59 anos apresenta grau de obesidade³ (São Paulo, 2023); segundo dados da SPTrans, durante o mês de março de 2023 foram totalizados 191 milhões de passageiros em todas as linhas de ônibus da região metropolitana de São Paulo, além disso, o modelo de ônibus biarticulado, que é o maior da frota que circula no município, apresenta 4 bancos destinados a passageiros com mobilidade reduzida antes da catraca (São Paulo, 2021).

Mesmo com políticas de remediação da acessibilidade, estas não são suficientes para atender a população que transita cotidianamente nas cidades, denotando que os corpos marginalizados que têm direito de usufruir destas medidas de acessibilidade entram em disputa pelo espaço físico do transporte coletivo e com a população que também utiliza este, criando uma série de contradições e dissonâncias passíveis de um estabelecimento de pré(-)conceitos constituídos por estas múltiplas situações críticas.

Lulle e Virgillio (2021, p.2) ao dialogarem sobre a importância que a mobilidade possui como elemento político e social elencam três grandes análises:

[...] (i) la centralidad que adquiere en tanto condición de acceso al mercado laboral, a una vivienda digna, a la educación, a la cultura y al ocio, etc. (ii) Por constituirse en un factor clave de la vida cotidiana de las personas. (iii) Por connotar un costo económico, social y medioambiental.

A mobilidade ganha destaque por sua capacidade de estar presente em todas as dimensões da vida cotidiana da população sendo elemento indispensável para a vivência desta, seja para qualquer acesso possível e necessário que ambiente sua cotidianidade e que esteja alocada no presente social.

Desta forma, a mobilidade é elemento básico para uma vivência e resistência ante ao cotidiano. Tal assertiva se apoia em um debate que está permeado nos diálogos contemporâneos referentes ao urbano, que é a questão da fragmentação socioespacial.

Conforme já dialogamos, o processo indicado está e se faz presente no dia a dia da população citadina, interferindo nos contextos socioespaciais de cada uma e um, não excluindo a escala corpo como elemento interferido. Nossas reflexões aqui indicadas salientam então que o corpo gordo é diretamente afetado pela fragmentação socioespacial e suas lógicas por não ser visto enquanto força de trabalho, desta forma, invisibilizado dentro das lógicas (re)produtoras do espaço urbano onde, então, tem a dimensão mobilidade cotidiana deturpada e limitada pelo processo indicado.

³ Discordamos do uso do termo “obesidade” devido à conotação patológica que este dá ao corpo gordo e que é questionada por estudiosos da área como Oliver (2006) apresenta em seu livro “Fat Politics: The real story behind america’s obesity epidemic”



A mudança da estrutura público-privada, a massificação do veículo particular como objeto de acesso, à necessidade de uma urbanização que compreenda o contexto global e suas mudanças, dentre outras perspectivas homogeneizadoras são elementos que contribuem e permitem pensar em uma lógica fragmentária que está presente e existe nas atividades cotidianas, afetando principalmente a população gorda (Legroux, 2021).

Jimenez (2022) ao evocar a necessidade de pensarmos um contexto epistemológico que ambiente a escala corporal gorda nos provoca a pensar em como todas essas lógicas estão presentes no dia a dia do corpo gordo, principalmente pela emergência que existe nos acessos a partir da mobilidade cotidiana que esta população demanda e enfrenta, já que precisa se adequar a uma estrutura corporal que não é a sua.

Assim sendo, as lógicas fragmentárias estão presentes no cotidiano do corpo gordo, antes objeto de desejo e na atualidade enquanto elemento de discussão e aversão. O corpo gordo é significativamente afetado pela fragmentação socioespacial e na dimensão da mobilidade cotidiana por não se adequar às estruturas vigentes condicionadas pelas lógicas indicadas.

Indicamos ainda haver a necessidade de se observar como o corpo gordo se escalona em uma dimensão que a exclui mediante um processo que interfere o espaço urbano, ou seja, como este corpo está inserido no debate fragmentário e como pode contribuir para suas reflexões?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos urbanos contemporâneos têm trazido uma pluralidade de novas análises e reflexões que trazem outros olhares para compreender a cidade e o urbano para além de seus apontamentos preliminares, indicando uma profusão de novos estudos pautados nas múltiplas realidades existentes no espaço urbano.

Consideramos que tais possibilidades reflexivas sejam positivas no âmbito de darmos visibilidades para temas que, até o momento, não estavam nas pautas dos estudos urbanos, o que oportuniza observarmos muitas outras ideias que podem ser utilizadas como elementos reflexivos e que ganharão destaque nas reflexões sobre o urbano e a cidade.

Dado o exposto, trazer ao debate a questão do corpo gordo e sua mobilidade cotidiana em uma lógica fragmentária busca evidenciar um debate que tem surgido de forma emergente e que demanda uma profundidade, principalmente, se contextualizado em um processo que fragmenta o urbano e a vivência socioespacial de cidadinas e cidadãos.

Evidenciar os pontos aqui elencados é trazer à luz um debate necessário perante um processo urbano contemporâneo que tem invisibilizado a sociedade mais pobre, tornado a urbanização homogênea, excludente e transformadora do cotidiano da população cidadina, causando uma impressionabilidade nos fenômenos e fatos ocorridos no espaço urbano.

Diante disso, é preciso viabilizar debates como o do corpo gordo e seus deslocamentos por esse espaço urbano fragmentado como forma de iniciar um diálogo necessário referente aos acessos desta população. Chamamos a atenção para uma das dimensões cotidianas desses corpos, que é sua mobilidade e como estas são construídas dentro da lógica fragmentária, que afeta cidadinas e cidadãos, principalmente aqueles(as) aqui reconhecidos.

O debate é inicial e carece de muitos outros apontamentos, principalmente de forma prática. De todo modo, indica um primeiro passo necessário para tais reflexões. É preciso que



possamos compreender que a lógica fragmentária está permeada no cotidiano da população citadina e captar algumas realidades para entender seus efeitos é um caminho possível para iniciarmos um diálogo.

Estes passos carecem de uma construção ainda mais profunda e que traga mais elementos teóricos e práticos. Os apontamentos aqui trazidos possuem o caráter de ser um ponto de partida para suscitar e viabilizar outras discussões, reconhecendo outras realidades e elaborando alternativas que sejam mais efetivas e superem o que trouxemos aqui de forma preliminar e superficial.

Há um leque de possibilidade reflexivas referente ao corpo gordo e sua inserção nas lógicas fragmentárias. Questões que necessitam ser ampliadas para um debate horizontal mais vasto, algo que somente poderá ser realizado quando o corpo gordo for evidenciado em tais lógicas, o que cremos acontecer a partir de produções como a nossa aqui apresentada que busca ser um elemento de contribuição, incitação e incômodo intelectual.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a equipe do projeto temático “*Fragmentação socioespacial e urbanização contemporânea: Escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos (FRAGURB)*” (Processo FAPESP nº 2018/07701-8) pelos debates referente a temática aqui abordada.

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento ao projeto temático citado, que oportunizou que muitas pesquisas pudessem ser realizadas e que fomentam as análises aqui apresentadas, em específico a pesquisa *Andar na cidade: A fragmentação socioespacial em conjuntos habitacionais em Ribeirão Preto/SP* (Processo FAPESP: 2020/10108-7) base para as reflexões iniciais do artigo aqui proposto.

REFERÊNCIAS

ARBUCIAS, J. S. **Movilidad residencial:** Procesos demográficos, estrategias familiares y estructura social. 2003. 537 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidad de Granada, 2003.

CAMPOS, M. P. SILVA, J. M. “Teu corpo é o espaço mais teu possível”: Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, p. 101- 114, 2020. <https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.107503>

CATELAN, M. J. **Heterarquia urbana:** Interações espaciais e cidades médias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

FERNANDES, J. S., CATELAN, M. J. Cidades médias e as expressões da hierarquia-heterarquia no sistema urbano brasileiro. **Mercator**, v.22, p. 1 - 17, 2023. <https://doi.org/10.4215/rm2023.e22013>

FOUCAULT, M. Direito de morte e poder sobre a vida. In: FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 127 – 149.



FURTADO, R. N., CAMILO, J. A. O. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 3, p. 34 - 44, 2016.

GROZS, E. Bodies-Cities. In: GROZS, E. **Space, time and perversion: Essays on the politics of bodies**. Nova York. Routledge. 1995, p. 241 - 253

HISSA, C. E. V., NOGUEIRA, M. L. M. Cidade-corpo. **Revista da UFMG**, v. 20, n. 1, p 54 - 77, 2013.

JIMENEZ, M. L. J. Filosofia gorda: Por epistemologias engorduradas. In: Congresso Pesquisa Gorda: Ativismo, estudo e arte, 1, 2022, Rio de Janeiro/RJ. Anais do I Congresso Pesquisa Gorda: Ativismo, estudo e arte, 1, 2022, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.event3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/> Acesso em 17/08/2023

JIMENEZ, M. L. J. Lute como uma Gorda: Gordofobia, resistências e ativismos. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação e Artes. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá

LEFEBVRE, H. **The production of Space**. Oxford: Blackwell, 1991.

LEGROUX, J. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Caminhos de Geografia**, v. 22, n. 81, 2021 p. 235– 248. <https://doi.org/10.14393/RCG228155499>

LEGROUX, J. A triplicidade do espaço e das práticas cotidianas de mobilidade para o estudo da fragmentação socioespacial. **GEOgraphia**, v. 23, n. 51, p. 1 - 19, 2021. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i51.a47518>

LINDON, A. Geografías de la vida cotidiana. In: LINDÓN, Alicia; HIERNAUX, D. (Ed.). **Tratado de Geografía Humana**. Barcelona: Antrophos, 2006. p. 356- 400

LONGHURST, R. (Dis)embodied geographies. **Prog. Human. Geogr.**, v. 21, n. 4, p. 486-501, 1997, <https://doi.org/10.1191/030913297668704177>

LULLE, T. DI VIRGILIO, M. M. Mirar la vida urbana desde el caleidoscopio de las movilidades. **Revista INVI**, v. 36, n. 102, p. 1-19, 2021. <https://doi.org/10.4067/S0718-83582021000200001>

MARES, R. M. A dimensão afetiva na experiência urbana: os sentidos do habitar na cidade contemporânea. In: **Revista Geografia em Atos**, v. 05, n. 12, p.82-98, 2019 <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6555>

MARQUES, A. C. S. As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da Cultura Hip Hop em Londrina (PR). 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente.

OLIVER. J. E. **Fat Politics: the real story behind America’s obesity epidemic**. Oxford University Press. 1º ed. 2006.



PEQUENO, V. D. S. Corpo: Uma categoria útil para a Geografia? **Boletim Alfenense de Geografia**, v. 3, n. 5, p. 18 - 41, 2023. <https://doi.org/10.29327/243949.3.5-2>

RAMOS, E. C. M.; MILANI, P. H. O corpo fora de lugar: De uma Geografia dos indivíduos para uma Geografia dos sujeitos. **GEOgraphia**, Niterói, v. 24, n. 52, 2022. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i52.a51617>

RIBEIRO, A. C. T. Sociabilidade, hoje: Leitura da experiência urbana. **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 45, p. 411 - 422, 2005.

SANTANA, G., VIDAL, M. R. Perspectivas sobre a mobilidade urbana e a fragmentação socioespacial: Deslocamentos das sujeitas gordas (os) em São Paulo/SP e a mobilidade a partir da renda em Ourinhos/SP. In: **XIX Semana de Geografia**, 19, 2023, Ourinhos/SP. Anais da XIX Semana de Geografia, 19, 2023, Ourinhos/SP. Disponível: https://drive.google.com/file/d/10w_vqBGprYPNybd4sA0i9Ko7AxksXWT6/view?usp=drive_link
Acesso em 17/08/2023.

SANT'ANNA, D. B. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo, Estação Liberdade, 2016

SANTOS, M. O presente como espaço. In: SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo. EDUSP, 2009, p. 13 - 52.

SANTOS, F. C. A. S. Mobilidade cotidiana fragmentada: Análises a partir dos percursos urbanos em Ribeirão Preto/SP. **Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 14, p. 258 - 276, 2023.

SÃO PAULO (cidade). SP Trans. **Banco de dados de Passageiros Transportados – 2023**. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/mobilidade/institucional/sptrans/aceso_a_informacao/index.php?p=152415

SÃO PAULO (cidade). SP Trans. **Manual dos padrões técnicos de veículos**. São Paulo, 2021.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Saúde. **Linha de cuidado à pessoa com sobrepeso e obesidade da rede de atenção à saúde (RAS) do município de São Paulo**, Fev. 2023

SILVA, J. M., ORNAT, M. J., CHIMIN JUNIOR, A. B. O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma Geografia corporificada. **Caderno Prudentino de Geografia**. v. 3, n. 41, p. 63 - 77, 2019.

SILVA, J. M. Gênero e Sexualidade na análise do espaço urbano. **GeoSul**. v. 22, n. 44, p. 117 - 134, 2007

SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **GeoUERJ**, v. 1, n. 18, p. 1 - 17, 2008



SILVA, J. M. **Geografias Subversivas**: Discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa, TODAPALAVRA, 2009

SPOSITO, M. E. B. et al. Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: Escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos. In: XX ENANPUR, 20, 2023, Belém/PA. Anais do XX ENANPUR, 20, 2023, Belém/PA. Disponível: <https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/07/sl-17.pdf> Acesso em 17/08/2023.

SPOSITO, M. E. B. Cidades médias: Reestruturação urbana e reestruturação das cidades. In: SPOSITO, M. E. B (org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 233 – 253.

STOIAN, V. C. O. A fragmentação socioespacial e sua relação com as dinâmicas afetivas. In: **Revista Geografia em Atos**, v. 05, n. 12, p.99-110, 2019. <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6516>

TURRA NETO, N. Corpo e espaço: algumas considerações. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 3, n. 41, p. 02 - 08, 2019.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo**: História da obesidade. Petrópolis, Editora Vozes, 2012.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, e. 13, 2020.

HISTÓRICO

Submetido: 22 de Setembro de 2023.

Aprovado: 12 de Março de 2024.

Publicado: 10 de Maio de 2024.

DADOS DO(S) AUTOR(ES)

Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos

Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista (PPGG - FCT/UNESP) - Campus de Presidente Prudente. Licenciado e Bacharel pela mesma instituição de ensino superior. Atualmente é doutorando pelo PPGG - FCT/UNESP

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4073-0820>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1096327701012465>.

E-mail: felipe.cesar@unesp.br

Gustavo Santana da Silva

Graduando em Geografia pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP) - Campus de Presidente Prudente/SP. Atua como pesquisador em nível de iniciação científica discutindo Mobilidade Cotidiana, Escala do Corpo e Interseccionalidade.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0979-126X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4934512364334852>

E-mail: gustavo.santana-silva@unesp.br

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

SANTOS, F. C. A. S dos; SILVA, G. S da. Mobilidade cotidiana e o corpo gordo: Reflexões a partir das lógicas fragmentárias. **Revista GeoUECE**, Fortaleza (CE), v. 13, n. 24, e202402, 2024.